

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ABUSO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA À LUZ DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

EXPERIENCE REPORT: SEXUAL ABUSE IN ADOLESCENCE IN THE LIGHT OF PERSON-CENTERED APPROACH

RELATO DE LA EXPERIENCIA: ACOSO SEXUAL EN LA ADOLESCENCIA HA LUZ DE LA ABORDAJE CENTRADA EN LA PERSONA

Tamires Gomes de Castro¹

Laiza Ellen Gois Sousa²

RESUMO: O presente estudo objetiva relatar a experiência de atendimento psicológico feito a uma adolescente de 17 anos, que sofreu abuso sexual intrafamiliar. Os atendimentos aconteceram no consultório de uma das autoras, no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro. Os resultados apresentados foram coletados através dos relatos das sessões e da aplicação de uma entrevista semiestruturada e aberta, e divididos em categorias conforme a análise de Bardin. Além dos atravessamentos do abuso, aspectos como automutilação, baixa autoestima, conflitos na relação familiar e tentativa de suicídio surgiram nos relatos da cliente. A análise foi interpretada à luz da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), possibilitando reflexões sobre os conflitos, impasses e dificuldades vivenciados pela cliente, considerando suas questões subjetivas e familiares.

1764

Palavras-Chaves: Abuso sexual. Família. Automutilação. Autoestima.

ABSTRACT: This study aims to report the experience of psychological care given to a 17-year-old girl who suffered intrafamilial sexual abuse. The consultations took place in the office of one of the authors, in the neighborhood of Campo Grande, Rio de Janeiro. The results presented were collected through the reports of the sessions and the application of a semi-structured and open interview, and divided into categories according to Bardin's analysis. In addition to the sexual aspects of the abuse, the victim also suffered from self-mutilation, low self-esteem, conflicts within the family unit, and a suicide attempt that emerged in the client's reports. The analysis was interpreted in the light of the Person-Centered Approach (PCA), allowing reflections on the conflicts and difficulties experienced by the client, considering her subjective and family issues.

Keywords: Sexual abuse. Family. Self-mutilation. Self-esteem.

¹Pós-Graduada em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Internacional Signorelli. Psicóloga pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Centro Universitário Augusto Motta. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Psicóloga pela UFRRJ. Professora do Centro Universitário Augusto Motta.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo informar de la experiencia del atendimento psicológico de una adolescente de 17 años que sufrió acoso sexual intrafamiliar. La asistencia tuvo lugar en la consulta de una de las autoras en el barrio Campo Grande en Río de Janeiro . Los resultados presentados fueron colectados através de los testimonios de las sesiones y de la aplicación de una entrevista semi estructurada y abierta, y subdivididas en categorías del acoso, aspectos como automutilaciones, baja autoestima, conflictos en la relación familiar y intento de suicidio surgieron en el testimonio de la clienta. El análisis fue interpretado a luz del Abordaje Centrada A La Persona (ACP), posibilitando reflexiones sobre los conflictos y dificultades vividos por la clienta, considerando sus cuestiones subjetivas y familiares.

Palabras clave: Acoso sexual. Familia. Automutilaciones. Autoestima.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de um relato de experiência em psicologia clínica, cujos atendimentos foram realizados a uma adolescente de 17 anos, vítima de abuso sexual, e conduzidos na perspectiva humanista, direcionada pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

A condução terapêutica na ACP ocorre na expressão dos valores, de modo que o terapeuta suspende qualquer ideia pré-concebida para se aproximar do cliente, pura e simplesmente, com o objetivo de entender sua experiência, como organísmica (ROGERS, 1991). O que significa dizer, que o ser humano tende a mostrar preferência em suas ações por um tipo de objeto em vez de outro, escolhendo preferencialmente mostrar uma parte de si que julgue adequada ou até mesmo aceitável. Desse modo, não cabe ao terapeuta trazer seus próprios valores na interpretação do relato da experiência do cliente.

Assim, é importante para a relação terapêutica na ACP que o psicólogo promova um ambiente acolhedor, de compreensão e calor humano, estabelecendo uma relação terapeuta/cliente de aceitação incondicional. O terapeuta humanista ao mostrar ao cliente que há uma aceitação incondicional o incentiva a expressão do seu self em totalidade (ARAÚJO, 2014; FREIRE, 2014; ERTHAL, 2020). Neste sentido, ao se sentir aceito, o cliente, que inicialmente mostra parte de si no processo terapêutico, passa a se sentir confortável para mostrar-se tal como é, sem medo de ser julgado e reprovado. É na expressão total de si que o cliente passa a ampliar sua consciência.

Tendo como base tais direcionamentos para condução terapêutica é que se relata o caso de uma adolescente de 17 anos que passou por situação de abuso sexual.

Caracteriza-se como abuso sexual, todo o ato de violação no qual não há o consentimento de ambas as partes. O que abrange toda conduta que estimule a pessoa sexualmente, a exemplo de: carícias, penetração de objetos, masturbação, exibicionismo, sodomia, penetração vaginal, entre outras (CARDIN, 2011; MOCHI, 2011; BANNACH, 2011).

Dentre os variados contextos em que ocorre o abuso sexual, temos o espaço familiar, classificado por abuso sexual intrafamiliar. Definido assim por ser vivenciado no espaço doméstico e entre sujeitos com vínculos consanguíneos ou não, existindo um grau de parentesco entre os mesmos (LORDELLO, 2020; COSTA, 2020). Este tipo de abuso foi vivenciado pela adolescente do caso em questão.

Além das questões de abuso que trouxe para os encontros, a cliente apresentou outros conflitos em sua relação familiar. Tais aspectos afetaram diretamente sua percepção de autoestima e saúde mental, e serão discutidos no decorrer deste estudo.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência de atendimento clínico em psicologia, orientada pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Os atendimentos foram realizados a uma adolescente de 17 anos, no consultório de uma das autoras, no bairro de Campo Grande, município do Rio de Janeiro. A cliente será identificada como Maia, com vista a assegurar o sigilo.

Antes da realização da coleta de dados foi conversado com a cliente sobre a possibilidade da construção de um artigo a partir das vivências da terapeuta em seu caso e a mesma concordou. A partir disso foi-lhe apresentado um Termo de Conscientemente Livre e Esclarecido (TCLE) para que autorizasse o relato de partes das sessões que a psicóloga julgasse importantes. Após o termo ter sido lido em voz alta e sido explicado sobre a preservação do sigilo da participante, a cliente autorizou a publicação desses conteúdos, o que foi registrado através de sua assinatura no documento, e recebeu uma das vias do TCLE. Foi apresentado também ao responsável legal da adolescente o Termo de Autorização ao Responsável Legal (TARL), visto que a cliente não atingiu a maioridade civil, e foi-lhe explicado o que estava descrito no termo. Sendo assim autorizada pelo responsável a realização do relato de experiência, através de sua assinatura, e lhe entregue uma das vias.

Com a finalidade de se alcançar os objetivos propostos neste estudo, além dos relatos das sessões, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, com respostas abertas, que versavam sobre o tema: A violação do autoconceito de uma adolescente, proveniente da vivência de um abuso sexual. O que gerou os seguintes subtemas: relacionamento familiar, relacionamento romântico, autoestima, autoimagem e abuso sexual. Tais temáticas foram construídas a partir do que se havia coletado dos atendimentos anteriores à construção da entrevista.

A entrevista semiestruturada se define por apresentar em um tema norteador, sendo criado a partir dele um roteiro de perguntas principais, que objetivem responde-lo, no entanto, abrindo-se a possibilidade de outras questões que versem sobre o mesmo e que surjam no momento da entrevista. Esse tipo de entrevista dá a possibilidade do entrevistado responder de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (STRAUS,2008; CORBIN, 2008). Foram realizados sete encontros, uma vez por semana, com duração de 30 minutos cada encontro, dos quais, três foram atendimentos psicoterápicos e quatro foram também de aplicação da entrevista.

Os resultados foram divididos em categorias, de acordo com a análise de Bardin (2011), e as análises foram feitas através da interpretação da entrevistadora sobre os sentidos expressos na entrevista e discutidas com base na Abordagem Centrada na Pessoa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos a descrição da cliente, sua história, aspectos importantes que atravessaram diretamente seu autoconceito. Bem como, principais pontos que surgiram nos encontros e correlacionaremos com a leitura humanista que fizemos dela.

Maia é uma adolescente, identificada pelo gênero feminino, de 17 anos, filha de pais divorciados e residi com a mãe, o padrasto e um irmão de 6 anos de idade. A mesma iniciou o acompanhamento psicológico em setembro de 2021, trazendo a demanda de automutilação e tentativa de suicídio.

Após três meses de atendimento, em umas das sessões Maia relatou sobre ter sido vítima de um abuso intrafamiliar. Descreveu que o contexto em que ocorreu esse episódio, foi durante sua estadia na casa da avó paterna, após uma briga que teve com sua mãe, que a fez optar ir morar com o pai.

Maia disse que no início, residir com a família paterna foi proveitoso, porém com o passar dos dias começaram a surgir cobranças e tarefas domésticas excessivas, que segundo ela só lhes eram delegadas. A cliente contou que nesse período parou de frequentar a escola, ficava uma parte do dia na casa da avó e a outra parte na casa do namorado, que reside no mesmo bairro. Em um desses intervalos, Maia relatou que estava deitada no quarto sobre a cama, seu primo, entrou e deitou do seu lado e começou tocá-la de forma desrespeitosa, pegou em sua mão e a pôs em cima do seu órgão genital, a mesma rejeitou e pediu que parasse, por não ter sido atendida, ela o empurrou e ele saiu do quarto.

Na medida em que a cliente narrava o que lhe acontecera, sua expressão facial foi se esmorecendo. Um semblante até outrora indiferente, foi se transformando em um olhar triste, uma fala murmuradora e em lágrimas que expressavam o não verbalizado. Maia mostrava-se despida de suas defesas. Para Rogers (1991), durante as sessões de terapia, o cliente deve ser aceito de forma integral exatamente como se apresenta naquele momento, assim o terapeuta não deve tentar moldá-lo de forma a querer inclui-lo em um padrão socialmente aceito.

A cliente relatou que tiveram novas investidas que a fizeram se sentir coagida, desamparada, com culpa e desatinada diante do que estava vivenciando. A incerteza de não saber se iriam acreditar ao contar o que havia ocorrido não a permitiu que compartilhasse com sua família. De certo modo, os abusos sexuais intrafamiliares são realizados de forma silenciosa, haja vista que, a maioria das vítimas opta por esconder o que lhes aconteceu, beneficiando em certa medida o abusador (AZEVEDO, 2018; ALVES, 2018; TAVARES, 2018).

Ao omitir o que lhe aconteceu, Maia passou a apresentar comportamentos de automutilação, afastamento social, dificuldade de estabelecer e manter relações interpessoais, irritabilidade e alguns sintomas depressivos. Em uma das sessões em que foi realizada a entrevista demonstrou como o abuso afetou sua relação com seu corpo. “Sempre tive problemas com o meu corpo, às vezes me achava gorda ou magra demais, porém depois do abuso passei a me cortar, como uma forma de aliviar a dor que sentia” (Maia, 17 anos).

Florentino (2015) aponta que o adolescente diante da violação do próprio corpo reage de forma somática. Passar por uma situação de violência afeta a sua vida ao ponto de lhe gerar sintomas que podem se concretizar no seu corpo e no comportamento. Assim, percebe-se que a cliente ao não expor o que sentia com o abuso, estava lidando com isto de um modo

autodestrutivo. Se a relação com o corpo já era sentida como algo difícil por ela, após o abuso, essa dificuldade na relação com ele se intensificou. O que gerou distorções na sua autoimagem ainda maiores dos que já vivenciava. Ao que se refere a nossa relação com o corpo, Erthal (2020) afirma que é por meio dele que percebemos a nossa identidade, visto que temos na percepção sobre ele o nosso *self* consolidado. Portanto, uma relação com o corpo que demonstra insatisfação e desafeto pode proporcionar distorções na construção do nosso *self*.

Esses comportamentos diferentes que Maia passou a apresentar chamaram a atenção da mãe, já que nesse meio tempo ela teve um diálogo com a mãe e decidiu voltar a casa, mas não lhe relatou sobre o abuso sofrido. A partir dessa observação da mãe sobre os comportamentos da filha, a mesma optou por procurar o atendimento psicológico para a cliente.

Maia chegou à terapia com demandas de baixa autoestima, depressão e ansiedade. Fomos tratando essas questões que tanto a afligia, porém somente com o passar de três meses, com o rapport já estabelecido, a cliente sentiu-se segura e expôs o abuso intrafamiliar que havia sofrido. É muito importante na ACP que o cliente durante as sessões se sinta confortável de modo que consiga diminuir suas resistências e opte por agir sem elas, a fim de expor de modo autêntico o que tem vivenciado (ROCHA, 2022; FARINHA, 2022).

1769

Nas sessões de terapia em que foi realizada a entrevista, Maia expressou que ao revelar o que lhe acontecera para sua mãe, a mesma validou a informação e a defendeu perante a família paterna, porém seu pai não acreditou que o abuso havia acontecido de fato. Diante do questionamento, se a ausência de posicionamento do seu genitor a feriu, sua resposta foi sem expectativas. “Não esperava nada dele, esperava da minha mãe e ela faz” (Maia, 17 anos). Pode-se notar no olhar e na verbalização da cliente a dor e decepção na invalidação advinda de seu genitor. É importante manifestações de apoio principalmente por parte materna, para que o impacto negativo gerado pelo abuso sexual seja amortecido para vítima (MARAFON, 2017; SCORTEGAGNA, 2017).

Durante o processo da entrevista foi notório como a situação de abuso sexual casou danos emocionais significativos na cliente, gerando mudanças na sua autopercepção e em seus relacionamentos interpessoais. Além de serem percebidas a presença de insegurança, busca por aceitação, dificuldade de confiar em outras pessoas e dificuldade de lidar com a

tristeza de forma que não seja destrutiva. Tais características apontam para uma alteração na autoestima da cliente.

A autoestima se caracteriza pela percepção de si e atua na formação do *self*, se configura também pelo sentimento de apreço e valorização que a pessoa tem por si mesma. Alguns aspectos envolvem esse processo de formação de autoestima, tais como as crenças e opiniões que internalizamos sobre nós mesmos e que podem ser reforçadas em nossas relações familiares e sociais, principalmente quando crianças. Ao longo do nosso desenvolvimento, podemos ser afetados no modo como aprendemos a nos ver, através de experiências que nos impactem de alguma forma ou da presença ou não da validação dos outros (ERTHAL, 2020; MARTINS, 2020; GUIMARÃES, 2020). Percebe-se que Maia teve sua autoestima formada de modo distorcido ao longo de sua vida, o que gera uma baixa autoestima, e que a situação do abuso potencializou essa distorção, já que a impactou negativamente, vários aspectos de sua identidade, em especial, na percepção de autoimagem como já mencionado.

Tudo o que a consulente vivenciou e a distorção em sua autoestima possibilitou que a ela sentisse, com muita frequência, angústia, tristeza e sofrimento. Em uma dessas tentativas de se livrar da dor emocional, Maia tentou o suicídio, ingerindo uma quantidade excessiva de comprimidos. A mesma só não veio a óbito por ter sido socorrida a tempo por sua mãe, que a levou ao hospital, passando por um procedimento de lavagem estomacal, protocolo hospitalar em caso de ingestão de medicações e intoxicação.

Através do acompanhamento psicológico direcionado pela Abordagem Centrada na Pessoa, a cliente tem conseguido ressignificar o que lhe aconteceu, assim podendo ir ao encontro de um crescimento pessoal. Rogers (1992) nessa abordagem aponta uma nova configuração no processo terapêutico, colocando o cliente como um ser totalmente capaz de encontrar dentro de si, as soluções para resolver suas demandas. O terapeuta atua dentro desse cenário, como um facilitador desse processo, conduzindo juntamente com o cliente a possibilidade de mudança. Para o autor, o indivíduo traz consigo a aptidão de se reorganizar e se reinventar diante de qualquer circunstância. A essa capacidade nomeia de tendência atualizam-te. A tendência atualizante se torna possível, na medida em que o terapeuta se desprende da ideia de especialista para acessar o mundo do sujeito como pessoa, podendo assim, respeitar o mundo pessoal e particular de seu cliente, formado de experiências, sensações, sentimento e percepções. Acessando a subjetividade do mesmo, o terapeuta

mostra-a para o consulente e dá-lhe a possibilidade de aceitar-se tal como é, já que o próprio terapeuta o faz, através da aceitação incondicional. Ao aceitar-se, a pessoa pode então refletir sobre seu autoconceito e atualizar-se, se essa for sua escolha (BARROS, 2018; SANTOS, 2018; NEVES, 2018; FITARONI, 2018).

Segundo Moraes e Fortini (2019), a tendência atualizante aponta para a tendência interna e inerente que move o indivíduo em direção à totalidade, à realização de suas potencialidades, de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento. Portanto, nos pressupostos da ACP, acreditar no potencial do adolescente para superar qualquer adversidade pela qual tenha passado é a atitude que deve nortear a relação terapêutica.

A perspectiva rogeriana atua na noção de centralidade, compreendendo o cliente como um ser único, autônomo, capaz de conduzir sua própria história e, portanto, não prioriza avaliações e diagnósticos. Entende o processo terapêutico não como um tratamento, mas como um movimento em busca de desenvolvimento e crescimento (ZAPELLO, 2019; PIASON, 2019). Neste sentido, a exposição do caso não visa diagnosticar a cliente, e sim refletir sobre o papel da psicoterapia no processo de autoconhecimento dela, levando-a a escolhas que favoreçam o seu modo de lidar com as situações que lhe aconteceram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abuso sexual gera repercussões significativas ao longo da vida da vítima, abrangendo mudanças que abrangem o autoconceito, a relação da pessoa com o próprio corpo, a forma de lidar com questões emocionais que vivencia e a dinâmica familiar, podendo ou não haver uma quebra na confiança da vítima para com os seus genitores. Assim, o contexto familiar precisa ser averiguado, analisando quais dos membros atuam de forma conivente e negligente na manutenção do abuso.

É importante considerar todos os aspectos envolvidos na compreensão da dinâmica do abuso e trabalhar com a vítima a expressão dos sentimentos associados ao impacto gerado, aos sentimentos que esta nutre por si mesma e pela circunstância e pessoas envolvidas. Bem como, esta situação influi em sua autoestima.

A análise do caso em questão, na perspectiva humanista, foi extraída da interpretação que a própria cliente fez sobre sua vivência. Pois se entende que é a pessoa que sabe como experienciou a circunstância e os sentimentos que lhe atravessam. Na situação de abuso sexual, acredita-se que a terapia se configura como um instrumento imprescindível

para a ressignificação do abuso e, por conseguinte a evolução do cliente, trazendo um sentido para sua vida e o auxiliando na reestruturação de seu projeto subjetivo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Iago Cavalcante; FREIRE, José Célio. Os valores e a sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 86-93, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672014000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 abr. 2022.

AZEVEDO, Maria Beatriz; ALVES, Marta da Silva; TAVARES, Júlia Rita Ferreira. Abuso Sexual Intrafamiliar em Adolescentes e Suas Reflexões. *Psicol. Am. Lat.*, México, n. 30, p. 7-25, jul. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2018000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 jun. 2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*; São Paulo: Edições 70, 2011. 1º Edição. 288 pp.

BARROS, Maria Luzia Rodrigues et al. A formação do eu na abordagem centrada na pessoa. *Trabalho de conclusão de curso de Psicologia- Univag Centro Universitário*; 2018. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/430>. Acesso em 28 de maio. CARDIN, Valéria Silva Galdino; Mochi, Tatiana de Freitas Giovanini; Bannach, Rodrigo. Do abuso sexual intrafamiliar: uma violação aos direitos da personalidade da criança e do adolescente. *Revista Jurídica*. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/view/2090/1413>. Acesso em 17 abr. 2022.

1772

ERTHAL, Tereza Cristina. *Trilogia da existência: teoria e prática da psicoterapia vivencial* (pp. 50 – 66; 67-78). 2º ed. Curitiba: APPRIS. 2020.

FLORENTINO, Bruno. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Revista de Psicologia [online]*. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>. Acesso em 17 de abril 2022.

LORDELLO, Silvia Renata Magalhães ; COSTA, Liana Fortunato. Violência Sexual Intrafamiliar e Gravidez na Adolescência: Uma Leitura Bioecológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]*. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe17>. Acesso em 3 de Abril 2022.

MARAFON, Patricia; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. Suporte materno mediante o abuso sexual infantil: revisão de literatura. *Est. Inter. Psicol.*, Londrina, v. 8, n. 1, p. 119-134, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223664072017000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 jun. 2022.

MARTINS, FRANCO MONTEIRO, S; GUIMARÃES, C. A. Abordagem clínica perante desequilíbrio da autoestima. *Perspectivas em Psicologia, [S. l.]*, v. 23, n. 2, p. 160-178, 2020.

Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/52226>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MORAES, Nicelle de Melo Santos; FORTINI, Priscila Ferreira. Contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violências na Assistência Social. 2019. Disponível em:https://unisecal.edu.br/wpcontent/uploads/2019/05/artigo_contribui%C3%A7%C3%A3o_da_abordagem_centrada.pdf. Acesso em 17 de abril 2022.

ROCHA, S. A.; FARINHA, M. G. The horizontal position between client and psychologist in the Person-Centered Approach . **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. e2411225307, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i2.25307. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25307>. Acesso em: 28 jun. 2022.

ROGERS, Carl Ransom. *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano*. 4^a. ed. São Paulo: 1991; 328pp.

ROGERS, Carl Ransom. *Terapia centrada no cliente*. São Paulo: Martins Fontes, 1992; 620 pp.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa* Porto Alegre: Artmed. 2008; 456 pp.

ZAPELO, Gracieli Mühl; PIASON, Aline Silva. O acolhimento como ferramenta terapêutica: um relato de experiência com a abordagem humanista. Anais da XIII Mostra científica do CESUCA- NOV./2019. 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/44254092/>. Acesso em 17 de abr. 2022.